

**“O PASTICHEIRO”: O descobrimento do novo plagiador
“THE PASTICHER”: THE discovery of the new plagiator**

Milan Puh¹

Recebido em: 08/11/2019

Aprovado em: 20/12/2019

Publicado em: 30/12/2019

Resumo:

Neste trabalho analisaremos e discutiremos textos acadêmicos que, embora sigam formalmente a estruturação textual, apresentam uma mistura de diferentes autores e seus escritos de procedência indefinida. Mais especificamente, trata-se de uma análise de textos-pastiche que, pelo fato de respeitarem minimamente as regras de citação acadêmica, não se constituem como plágio, mas cujos enunciados demonstram semiótica e semanticamente direta apropriação da pesquisa alheia com a intenção de apresentá-la como sua. Seguindo esse pensamento, a nossa questão de pesquisa é a seguinte: Como abordar e depois definir um texto acadêmico que, mesmo ao seguir os preceitos formais predefinidos pela escrita acadêmica, acaba mostrando muitos elementos enunciativos pertencentes a outros autores, podendo assim considerá-lo um pastiche? Para responder a essa questão, discutiremos o conceito-chave - o próprio conceito de pastiche como definido por Jameson (1984) e Diniz e Munhoz (2011), além de abordar a teoria de enunciação que encontramos nos trabalhos de Benveniste (2006), nomeadamente os conceitos de unidade semiótica e semântica, relacionando-os à intertextualidade e interdiscursividade. Baseada nos trabalhos de Fairclough (2001; 2003) e Koch (2004). O objetivo é mostrar como a escrita de trabalhos, que não apresentam transgressões explícitas da ordem formal de um texto acadêmico, pode se transformar, pelas semelhanças semânticas e semióticas, em uma miscelânea textual que não plagia, mas se apropria da produção científica do outro como se fosse um simples processo combinatório. Para isso, selecionamos, como material de análise, um pastiche em forma de trabalho acadêmico que trata o tema de plágio na universidade e três textos originais que consideramos terem sido usados na realização do pastiche.

Palavras-chave: enunciação; texto acadêmico; intertextualidade; plágio; escrita.

Abstract:

In this paper we will analyze and discuss academic texts that, although formally following the textual structure, present a mixture of different authors and their writings of indefinite origin. More specifically, it is an analysis of pastiche texts that, in spite of respecting minimally the rules of academic citation, do not constitute plagiarism, but whose statements demonstrate semiotically and semantically direct appropriation of the research of others with the intention of presenting it as proper. Following this idea, our research question is as follows: How to approach and then describe an academic text that, even though it follows the formal precepts predefined by academic writing, ends up showing many enunciative elements belonging to other authors, and can thus consider it a pastiche? To answer this question, we will discuss the key concept - the concept of pastiche itself as defined by Jameson (1984) and Diniz and Munhoz (2011), as well as addressing the theory of enunciation that we find in the works of Benveniste (2006), namely the concepts of semiotic and semantic unity, relating them to the intertextuality and interdiscursivity, based on the works of Fairclough (2001;2003) and Koch (2004). The aim is to show how the writing of works, which do not explicitly transgress the formal order of an academic text can turn into, through semantic and semiotic similarities, a textual miscellany that does not plagiarize, but appropriates the scientific production of others as if it were a simple combinatory process. For this, we selected, as analytical material, a pastiche in the form of academic work, dealing with the theme of plagiarism within the university and three original texts that we consider to be used in the realization of this pastiche.

Keywords: enunciation; academic text; intertextuality; plagiarism; writing

1. Graduado em História. Pós-doutor pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (2018). Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2017). Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2012), Atualmente estuda Políticas linguísticas e Educação, enfocando as comunidades eslavas tanto no Brasil como no exterior, bem como outras comunidades de imigração. Brasil. E-mail: milan.puh1@gmail.com

PUH, M.;

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma intensa reflexão, iniciada ainda em 2012, sobre um tema que é considerado por muitos como um “mal terrível”, frequentemente chamado de plágio¹, sendo que a sua base inicial se encontra em uma comunicação apresentada no X Workshop Produção Escrita e Psicanálise em 2014 na mesa-redonda intitulada “Movimentos da circulação de ideias em textos educativos e normativos” em que se discutiu o modo como as diferentes ideias circulam em textos variados para contemplar os modos de se escrever e ler nos âmbitos educativos e oficiais.

Neste momento, encaminha-se para a análise de um contexto mais amplo do estudo de apropriações (indevidas) em escrita acadêmica. Desta vez, propomos estudar os casos de produção textual que não apresentam elementos explícitos que poderiam ser definidos como plágio, já que seguem, de modo geral, todas as regras formais requeridas para a escrita de um texto acadêmico. Por isso, decidimos partir para uma abordagem que mostrará como este tipo de escrita “desvia” a produção de conhecimento alheia em um processo de mistura de forma e sentido.

Portanto, a nossa questão de pesquisa é: como abordar e depois definir um texto acadêmico que, mesmo ao seguir os preceitos formais predefinidos pela escrita acadêmica, acaba mostrando muitos elementos enunciativos pertencentes a outros autores, podendo assim considerá-lo um pastiche? Para poder responder à questão exposta, iniciaremos com a discussão do conceito-chave desse texto - o próprio conceito de pastiche, calcado na definição de Fredric Jameson (1984) e, posteriormente, elaborado dentro de uma nova área de estudos que, a nosso ver, já se implantou na universidade (designada como Estudos sobre o plágio), tomando como base o trabalho de Débora Diniz e Ana Terra Munhoz (2011). Em seguida, trataremos alguns elementos da teoria da enunciação presente na obra de Emile Benveniste (2006a, 2006b), focando nos conceitos de unidade semiótica e semântica em enunciados (no nível de frase e discurso), fazendo

¹ Este trabalho é resultado de uma intensa reflexão tanto teórica quanto pessoal em que o plágio foi abordado de diferentes ângulos e perspectivas. A maior parte do estudo deste tema se deu no Grupo de Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise (GEPPEP) na Universidade de São Paulo, e seus projetos de pesquisa “O movimento da escrita” e “O movimento da deescrita”. Foram analisadas inicialmente as características linguísticas mais específicas que ajudam identificar o próprio plágio, através do estudo dos procedimentos de apropriação indevida que autores fazem de textos de outros (publicado no livro “Dezescrita”, 2014), passando pela análise da relação entre pesquisador e o Outro cuja escrita serve como “esconderijo”, até a análise de documentos oficiais que procuram definir a culpabilidade do plágio/plagiador para, posteriormente, oferecer soluções para esse tipo de comportamento.

PUH, M.;

a interlocução com o tema de intertextualidade encontrada em trabalhos de Norman Fairclough (2001) e Ingdore Koch (2004). Escolhemos trabalhar com estes conceitos, pois, percebemos que nos trabalhos que caracterizamos como pastiche, o trabalho de (re)escrita se dá no nível dos enunciados e sua articulação no texto. Resumidamente dizendo, o pasticheiro não incorre em plágio no nível lexical ou sintático explicitamente, mas seguindo as normas da escrita acadêmica faz uma reelaboração de enunciados dentro do texto com o objetivo de preparar “terreno” para a incorporação de outros textos. Na maioria das vezes isso é mais implícito quando não encontramos elementos suficientes para conseguir definir um procedimento de coautorização clara da presença de terceiros, porém identificando lógicas textuais que remetem a uma escrita que já foi construída em outro lugar. Portanto, trata-se aqui de uma análise que se articula desde o nível enunciativo, perpassando o textual até chegar no discursivo onde constatamos uma não produção de novos conhecimentos para os quais a atitude de “pastichismo” contribui bastante com a insistência na produção de trabalhos mais burocráticos.

O objetivo geral deste artigo é indicar, no que podemos chamar também de estudo de caso, como a escrita de trabalhos, que não apresentam transgressões explícitas da ordem formal de um texto acadêmico, pode se transformar, pelas semelhanças semânticas e semióticas, em uma miscelânea textual que não plagia no sentido tradicional, mas que se apropria da produção científica do outro na medida num exercício combinatório com outros elementos do próprio trabalho. Assim, selecionamos, como material de análise, um pastiche em forma de trabalho acadêmico que trata o tema de plágio na universidade e três textos originais usados para fazer o pastiche. Terminamos as reflexões introdutórias com a seguinte hipótese: É possível afirmar que pastiche, ou seja, um trabalho que segue somente a ordem estrutural definida pelo padrão acadêmico, mas que dentro dessa ordem remaneja o enunciado do outro como lhe convém, também contribui para a produção de conhecimento na universidade?

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Começaremos esta parte com uma breve explanação sobre o que é pastiche. A inspiração inicial encontramos na obra de Jameson (1984) que define o conceito afirmando que, nos tempos pós-modernos, o desaparecimento do sujeito indivíduo, “com” dificuldade ou “pela” dificuldade da criação de um estilo pessoal, transformou as práticas

PUH, M.;

cotidianas em algo que poderia ser chamado de pastiche. Para o autor, isso só é possível nesses tempos pós-modernos que trocam/invertem os modelos de verdade/aparência e de superficial/profundo, até então muito presentes na modernidade.

Ele ainda reforça a importância de um trabalho sério com a escrita e com aquilo que se produz com a escrita, uma vez que constata que o pastiche é tão difundido por existir uma grande dificuldade de se criar novas formas estéticas, isto é, reproduz-se o antigo sem criar novos sentidos. No entanto, o pastiche é um tipo de “historicismo” para o autor, porque o leitor é chamado para interpretar o texto sem saber quem é/são o(s) autor(es) daquilo que está lendo sob o nome de uma pessoa, seguindo o caminho pré-definido sem ter a sinalização necessária para poder se orientar e verificar aonde está sendo levado (e nós acrescentamos – se o mesmo caminho já foi percorrido por outros). Cabe mencionar que esta discussão gira mais em torno das reflexões sobre as características da pós-modernidade e sua literatura, e menos sobre a escrita acadêmica. No entanto, no caso brasileiro já é possível encontrar definições de Décio Valente no seu livro “O plágio” de 1986 em que o autor diferencia decalque (apenas uma cópia) e pastiche (imitação disfarçada), algo que tem se intensificado bastante nos últimos anos com o advento da internet, mas não só, fazendo com que a universidade e o ensino superior definam os seus posicionamentos diante a temática. Por outro lado, este fenômeno não é tão recente, nem a discussão se ele de fato pode ser considerado como tal, pois existem estudiosos que se preocupam com a questão da autoria, e consequentemente de (não) plágio, desde o final dos anos 1960 quando Foucault lança a pergunta “O que é um autor” numa conferência, trazendo à tona essa problemática que será elaborada em trabalhos como “A arqueologia do saber” e “A ordem do discurso”. Nós aqui não entraremos diretamente no mérito do assunto, apesar de ser pertinente, pois estamos preocupados mais o processo e a atitude de um autor através os procedimentos enunciativos, textuais e discursivos empregados na escrita de um trabalho acadêmico, do que somente na definição de um pasticheiro e do seu resultado final.

Dito isso, passaremos para uma discussão voltada para a relação da paráfrase com a escrita acadêmica na universidade, pois aqui “jaz” o nosso pasticheiro e a sua habilidade de não ser descoberto como plagiador, apesar de não contribuir para com a produção de conhecimento. Diniz e Munhoz consideram que “na comunicação científica, o pastiche é a forma mais ardilosa de plágio, aquela que se autodenuncia pela tentativa de

PUH, M.;

encobrimento da cópia” (2011, p.20). Na opinião das autoras, o pasticheiro cumpre as regras exigidas pelo estilo acadêmico, mas com a intenção de seguir a linha de pensamento do autor citado. Ele faz uma paráfrase da ideia principal do trabalho alheio ou de uma grande parte da obra dele, mas sem agregar criação à repetição, dificultando a consulta das fontes originais ao leitor e deixando de contribuir com a produção de algo novo na sua escrita. Assim, citando Diniz e Munhoz, “o pastiche é descoberto por um sentido de semelhança, um aroma de déjà-vu entre duas ou mais obras postas em contraste” (idem, p. 21). Na visão das autoras, para descobrir o pastiche, precisamos ter bons leitores que, além de uma grande quantidade de leitura, tenham, de fato, a capacidade de ler e entender todas as “manobras” realizadas em algum texto, algo problemático neste momento de leituras mais rápidas e menos extensivas com acesso quase irrestrito de leituras nos meios digitais e impressos. Consideramos interessante apontar para abordagens mais radicais como a de Pierre Bayard e seu livro “Como falar dos livros que não lemos” de 2007 em que o autor aborda vários modos de leitura que também questionam as leituras unilaterais e hiperfocadas, o que nos interessa no sentido de indicar para uma atitude mais aberta de abordar escritos de terceiros (e próprios também) em que nos preocuparemos em entender quais são essas bibliotecas individuais e coletivas que foram acionadas na sua confecção, e como isso se dá no nível menor no interior de cada produção textual.

Assim, decidimos “descer” do nível produto final (livro ou artigo) e da sua coletividade (bibliotecas ou referências bibliográficas) para o conceito de pastiche e sua relação com a escrita através da paráfrase. E nisso decidimos abordar o tema por meio da teoria de enunciação, isto é, através de alguns aspectos específicos dessa teoria que poderiam fazer a interlocução necessária com o conceito de intertextualidade que enxergamos como intermediário. Ele nos ajuda a entender acionamentos de referências e produções finais de terceiros e a sua articulação no nível textual dentro do próprio texto que estamos analisando no sentido de entender se há uma produção de conhecimento nesse movimento da escrita. Continuaremos adiante formando um aparato teórico e metodológico necessário para analisar o pastiche selecionado para este trabalho.

Começamos com os conceitos de unidade semiótica e semântica da teoria de enunciação de Benveniste, e isso no nível da frase e do discurso. Benveniste, (2006b) na sua definição de frase afirma que, através da dimensão da língua em ação e da dimensão

PUH, M.;

de segmento do discurso, se produz a compreensão de frase, introduzindo assim o sentido e a referência. Ou seja, a frase como unidade completa traz simultaneamente o sentido, construída pela significação, e a referência, por estar se referindo à determinada situação. No nosso caso, isso significa que o autor de um artigo científico teria que fazer referência em seus enunciados, que tomam a forma de frase/texto, a uma situação específica (pesquisa, *corpus*, teoria etc.) de onde foi retirado o sentido e depois mostrar de que modo o outro autor ajudou na formação do significado específico da frase. É importante respeitar essa dupla propriedade porque o significado construído num trabalho científico depende tanto das referências explícitas quanto do sentido geral escolhido. Ademais, para Benveniste, a frase não está muito distante da definição de enunciação, pois esta contém também referência a uma determinada situação, e sempre através dela que a língua se manifesta.

Mas, como aponta o autor francês, nem a frase nem a enunciação possuem autonomia absoluta. O autor propõe que as análises dessas unidades da língua sejam feitas através da integração das mesmas em uma unidade de nível superior, sendo unidades constitutivas as que se distribuem nesse nível e as que se integram para formar unidades maiores, superiores. Ao se integrarem nesse nível, elas formam o sentido, e já na distribuição se dá a forma. Explicaremos essas colocações no processo de formação de pastiche mais a frente.

Aprofundando a discussão sobre enunciação e aproximando mais do tema deste trabalho, discorreremos sobre a relação entre a semiótica e semântica, uma vez que essas áreas permitem entender a relação específica que esses conceitos formam em um pastiche acadêmico. Benveniste considera essencial a relação entre o nível semiótico e semântico da enunciação. Para ele, a relação básica reside no significado e significantes porque qualquer produção linguística depende da organização e adequação das partes numa estrutura que transcende e explica os elementos presentes nela. Sendo assim, o pastiche concretiza uma reorganização e readequação dos enunciados em uma mescla que não oferece ao leitor uma análise de procedência do sentido, algo que já abordamos no artigo “Apropriação indevida de elaborações alheias nos trabalhos científicos” publicado no livro “Dezescrita” (2014).

No nível de semântica, afirma Benveniste (2006a), a função da frase, como unidade linguística posta em ação, é transmitir a informação, além de comunicar a

PUH, M.;

experiência dos seres humanos. A significação semântica envolve o discurso, sendo que sua mensagem não pode ser reduzida a uma sucessão de unidades a serem identificadas separadamente. Assim, só é possível compreender o sentido globalmente, separando seus elementos e estabelecendo as relações de significado entre eles.

A significação semiótica da língua é constituída pela identificação das marcas distintivas em cada unidade, isto é, define a relação entre signos no nível da frase, e a disposição da mesma no nível de discurso, unidade superior à própria frase. Para diferenciar os dois níveis, Benveniste (ibidem, p.230) acrescenta ainda que “enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor”. Isso significa que o nosso pasticheiro terá que trabalhar muito mais com as frases, no nível da semântica, tentando transformá-las em um signo que tem seu significado inerente, a ser aceito pelo leitor. Além disso, ele precisa expandir seu trabalho para a unidade maior que a frase, para manter o leitor acreditando que o discurso a ser construído respeita todas as normas e regras definidas por seus pares.

Terminando a nossa discussão teórica, passaremos rapidamente pelos conceitos de intertextualidade, encontrado no trabalho de Koch e de Fairclough, por considerarmos que esse conceito nos ajudará a ampliar e completar a discussão prévia feita sobre o signo, a frase e o processo de enunciação de modo geral. A escolha dos dois autores com suas propostas bastante diversa da intertextualidade se dá justamente pela possibilidade de olhar para a produção do pastiche desde o nível textual até o discursivo, pelo fato de entenderem que todo texto é constituído de elementos, isto é, texto de terceiros, mas que essa “normalidade” de qualquer produção textual é aproveitada pelo pasticheiro para criar nos seus enunciados uma aparência de autoria no nível discursivo, calcada nas regras acadêmicas que definem com se dará intertextualidade. Nos parece que a falta de preocupação com que acontece entre o nível textual e discursivo (e suas interdependências) é algo a ser mais contemplado em estudos que versam sobre a produção de conhecimento (e um dos seus antípodas que é o plágio), algo para o que os dois autores contribuem bastante.

Koch (2004) separa a intertextualidade no amplo sentido, que faz parte de qualquer discurso, da no *stricto senso*, que surge quando em um texto encontramos outros escritos por diferentes locutores cuja produção faz parte da memória social coletiva. É esse

PUH, M.;

discurso, cuja intertextualidade é resultado de um processo ciente de inclusão de outros textos que servirão para outros leitores como exemplo de memória que todos compartilham. Isto chama a atenção por ser algo que o pasticheiro subverte para produzir um texto cujo discurso não poderemos acompanhar, a não ser pela forma (citação, referência) do processo de construção enunciativa. Ou seja, no pastiche só teremos a intertextualidade marcada pela forma de citar, sendo que a estrutura do próprio texto e seus enunciados fica baseada fundamentalmente nos textos-fonte.

Por outro lado, Fairclough (2001) entende a intertextualidade como a propriedade de todos os discursos, pois os textos são cheios de elementos de outros textos que podem ser definidos, explicitamente ou mesclados com o fim de assimilar, contradizer, escoar etc. Para ele também essa condição é aquela *sine qua non* da produção textual e discursiva, mas que exige que os autores também se contraponham ao que foi dito, não incorrendo somente no processo de concordância e consolidação do que já foi produzido.

Ele ainda separa a intertextualidade manifesta da intertextualidade constitutiva, isto é, a interdiscursividade, sendo aquela definida pela presença explícita de textos (de acordo com as regras predefinidas) e esta a que é marcada pelas convenções discursivas que definem a produção do texto. A própria interdiscursividade não só se relaciona com discursos particulares, mas possibilita uma hibridização de gêneros e estilos que são para ele modos de identificação. Desse modo, Fairclough (2003) sugere analisar a relação interdiscursiva entre diferentes ordens de discurso – redes de práticas sociais compostas por três elementos textuais: gêneros, discursos e estilos. Aponta que cada elemento idealmente possui um tipo de significado textual: os gêneros correspondem ao significado acional que indica modos de (inter)agir discursivamente; os discursos em si com o significado representacional que se refere ao modo de representar o mundo; e estilo ao significado identificacional, mais próximo de um modo singular de ser, de identificar e de constituir as identidades sociais ou particulares. Na visão do estudioso britânico, há uma relação dialética entre os três, o que também resulta em hibridização interdiscursiva de qualquer produção textual, o que para nós representa o ponto central do trabalho de pasticheiro que se aproveita deste hibridismo inerente para criar um discurso que usa o gênero e o estilo de terceiros a seu favor, sem deixar clara a relação dialética entre eles. Como esses três elementos são um tanto vagos nas obras de Fairclough no que se refere às características e categorizações, aproveitamos das contribuições de Benveniste e

PUH, M.;

Koch para poder trabalhar com a materialidade textual do pastiche e das três fontes de trabalho, para chama-las asism.

Portanto, podemos concluir este levantamento teórico-metodológico, entendendo o pastiche na sua característica de interdiscurso, pois consideramos que o pasticheiro sabe bem trabalhar com a intertextualidade e que para entender melhor o trabalho desse sujeito, é necessário analisar seu discurso (e os hibridismo do seu gênero e estilo) por meio da análise no nível semântico e semiótico.

ANÁLISE DE UM “PASTICHE”

Para a contemplação do tema e exemplificação da teoria apresentada neste trabalho, apresentamos um estudo de caso de um pastiche que foi encontrado nos levantamentos de trabalhos que versam sobre o plágio². A suspeita de “pastichismo” nos ocorreu quando ampliamos a nossa leitura para as referências apontadas ao longo do trabalho, mas especialmente na introdução. Os três trechos selecionados do pastiche aparentam ter uma correspondência quase direta com os originais, ou seja, são “inspirados” pela produção textual e discursiva dos textos originais, posicionados na coluna direita, o que nos chamou atenção na leitura inicial. Na tabela abaixo dividida em três partes, colocamos do lado esquerdo o texto pastiche e do lado direito os textos fonte de outros autores, intituladas de originais, com o objetivo de facilitar visualmente a percepção do pastiche e para analisar a relação intertextual e interdiscursiva entre eles³.

Pastiche	Originais
Conforme o autor Barbastefano (2007) a internet não é a única causa que leva a comunidade a praticar o ato de plagiar. Entretanto, além da facilidade de acesso à informação na internet, Weed (2004 apud Barbastefano, 2007) considera também que os alunos não consideram seu trabalho como válido ou merecedor de proteção intelectual e muitos acreditam que se o documento esta publicado na web, então a informação é disponível, verdadeira e livre.	- Facilidade de acesso à informação – Gibelman et. A. (1999), Stebelman (1998) e Austin e Brown (1999) chamam a atenção para uma série de sítios na Internet que vendem trabalhos acadêmicos prontos, ou sob encomenda, com nomes sugestivos como CheatHouse(http://www.cheathouse.com) e Hotessays(http://www.hotessays.com). No Brasil, é famoso o site Zé Moleza (http://www.zemoleza.com.br) entre alunos de graduação(...)

² Trata-se de uma monografia que se propõe a abordar o plágio por meio do desenvolvimento e da aplicação de métodos para identificá-lo na área de ciências de computação de uma das universidades federais da região Sul do país.

³ Os trechos foram copiados integralmente com todos os possíveis erros de digitação e escrita.

PUH, M.;

<p>Além disso, Stebelman (1998 apud Barbastefano, 2007) ressalta que não apenas a cópia de textos é um problema, mas a tradução também se configura em uso indevido, pela facilidade de acesso a programas de tradução. Este é um problema mais grave pela impossibilidade de rastreamento por ferramentas automáticas de busca.</p> <p>Já os autores Brown e Howell (2001) apontam o desconhecimento de regras que delimitam o uso de citações e paráfrases sendo um dos principais aspectos que leva muitas vezes os autores a praticarem o ato de plágio sem intensão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos dão pouco valor ao próprio trabalho – Wood (2004) afirma que os alunos não consideram seu trabalho como válido ou merecedor de proteção intelectual. - Falta de análise crítica de trabalhos e confusão em relação à propriedade na Internet- um fenômeno interessante, ressaltado por Wood (2004) e estudado mais a fundo por Graham e Metaxas (2003), é verificar-se a falta de análise crítica de informação obtida através da Internet. Se está publicado na rede, então a informação é disponível, verdadeira e livre. - facilidade de acesso a programas de tradução– Stebelman (1998) ressalta que não apenas a cópia de textos é um problema, mas a tradução também se configura em uso indevido. Este é um problema mais grave pela impossibilidade de rastreamento por ferramentas automáticas de busca. - desconhecimento de regulamentações – Austin & Brown (1999) apontam como uma das causas para o plágio o desconhecimento das regras que delimitam o uso de citações e paráfrases.
<p>Segundo em entrevista realizada por Rabelo (2006), professores de graduação e pós-graduação afirmam que nem sempre identificar a cópia no trabalho entregue pelos alunos é uma tarefa fácil.</p>	<p>Ainda que nem sempre seja fácil identificar a cópia no trabalho entregue pelos alunos, os professores também usam a internet como ferramenta para conter a onda de plágios e verificar a autoria dos textos.</p>
<p>Segundo Moraes (2004), o plágio pode ser considerado como a imitação de uma obra, considerada pela lei autoral como um verdadeiro atentado aos direitos morais do autor. O plagiador (ou plagiário) costuma não confessar o ato. Seja movido por inveja, seja por mera preguiça, o plagiário escamoteia e mente, desmoralizando o verdadeiro criador intelectual. Essa conduta é típica de nossa sociedade de aparência, na qual o importante não é ser, mas simplesmente</p>	<p>Podemos dizer que plágio é a imitação fraudulenta de uma obra, protegida pela lei autoral, ocorrendo verdadeiro atentado aos direitos morais do autor : tanto à paternidade quanto à integridade de sua criação. Não é exagero adjetivar o plagiário como malicioso, disfarçado, astuto, hábil, dissimulado. O plagiador (ou plagiário) costuma não confessar o ilícito. Por isso, empenha-se em disfarçar o assalto, evitando deixar vestígios. Seja movido por inveja, seja por mera</p>

PUH, M.;

parecer e aparecer. Moraes (2004) também defini o plágio como sendo quase sempre de parte(s) de obra alheia, e não de sua íntegra, visto que a prova judicial de obra completamente igual à outra consiste em tarefa que, muitas vezes, não exige maiores esforços.	preguiça, o plagiário escamoteia e mente, desmoralizando o verdadeiro criador intelectual. Essa conduta é típica de nossa sociedade de aparência, na qual o importante não é ser, mas simplesmente parecer e aparecer. O plágio é quase sempre de parte(s) de obra alheia, e não de sua íntegra, visto que a prova judicial de obra completamente igual a uma outra consiste em tarefa que, muitas vezes não exige maiores esforços.
---	--

O primeiro e maior trecho do pastiche corresponde a listagem inicial de pesquisadores que já estudaram o tema, encontrada logo na introdução da monografia onde encontramos essa prática. Como nesse trecho o pasticheiro discute a (não) culpabilidade da internet na utilização do plágio, é de se esperar que sejam mencionadas as principais obras da área com a devida referência aos autores, marcando assim explicitamente a intertextualidade manifesta. O pasticheiro, de fato, realiza o que se espera de um texto acadêmico, mencionando todos os autores e os anos da publicação da obra, porém, a segunda citação é acompanhada de um *apud* que se refere ao autor da citação anterior (Barbastefano, 2007).

Ao conferir o texto de Barbastefano, percebemos que a sequência inteira que aparece após a primeira frase, onde há a menção de sua obra no pastiche, segue a linha inteira de pensamento expressa no original. Sendo assim, notamos que o nível semiótico, ou seja, todas as frases postas no pastiche e mencionadas aqui, seguem a enunciação do original no nível semântico. Isso significa que o pasticheiro, pelo nível semiótico, aproveitou para se aproximar semanticamente da obra original, tomando os enunciados como seus, negando a interdiscursividade que deveria ficar explícita entre os dois textos – o que entendemos como uma marca do seu estilo. Todos os pontos do original – as causas da proliferação do plágio, se transformaram em 3 frases que contém as mesmas ideias e a mesma estrutura sintática que o original, sendo citadas as obras que evidentemente não foram consultadas pelo pasticheiro que pelo *apud* encurtou o seu processo de reflexão. Nesse caso, no nível semiótico aconteceram transformações de adaptação da enunciação para ser encaixada no texto do pasticheiro, enquanto o sentido a ser passado ficou redefinido na nova estrutura textual. Ao contrário de um plagiador, o pasticheiro citou as obras, dando os devidos créditos aos autores, mas deixou de

PUH, M.;

mencionar que todas as citações suas foram escolhidas a partir de uma outra obra, recobrando a intertextualidade estrutural existente no discurso, considerando que um *apud* fosse suficiente para dar os créditos devidos no que se refere ao gênero acadêmico monografia.

No segundo trecho, que se encontra em outro capítulo em que o pasticheiro explora o contexto e as motivações do uso do plágio, temos um único enunciado em que o pasticheiro aproveita a análise do corpus do texto original – entrevistas com professores universitários, e afirma que a identificação de um plágio não é fácil, porém deixa de lado o fato de o autor do texto original afirmar que os professores também utilizam a internet para descobrir o plágio em trabalhos dos alunos e isso é separado, e mencionado somente em outro enunciado na sequência.

Assim, o *corpus* de um outro texto no pastiche se transforma em conclusão (claro, com a devida citação), isto é, em um outro tipo de texto. Nesse processo foram incorporados 3 enunciados: 1) a citação direta de Rebelo “nem sempre identificar a cópia no trabalho entregue pelos alunos é uma tarefa fácil”, com a autoria modificada, uma vez que a voz do autor original foi transformada em voz de professores de graduação e pós-graduação no pastiche e no texto não há menção da página; 2) a entrevista escolhida a partir do original sem ser citada explicitamente, incorporada diretamente no texto; e 3) a própria voz do pasticheiro que recobre pela forma de incorporar os elementos do original, mencionando o autor para depois incorporá-lo no seu discurso. Novamente, podemos perceber que a intertextualidade no texto analisado não foi explicitada, embora sejam respeitadas as regras gerais de citação de referência bibliográfica que fazem com que seja mais difícil suspeitar que o pasticheiro reelaborou no nível semiótico diferentes enunciados cujo resultado final é uma produção hibridizada em que os estilos dos autores e os gêneros em que se inserem ficam misturados, mas com a sobreposição explícita de quem faz pastiche.

O terceiro trecho, em que Moraes (2004) é mencionado, encontra-se no capítulo dois onde o pasticheiro discute o plágio no meio acadêmico. O procedimento, isto é, o estilo acionado na elaboração do primeiro trecho analisado, de certa maneira, está presente no último, porém com a diferença na seleção de fonte. O pastiche consiste em um único autor (Moraes, 2004), ao passo que no primeiro trecho do original temos Barbastefano, que cita outros autores, formando diferentes níveis de integração textual. A

PUH, M.;

relação de intertextualidade direta aqui é mais facilmente percebida porque só um autor é presente, mas as alterações semióticas são várias, para disfarçar a presença do texto original. Dessa maneira, é possível perceber que, embora os enunciados escolhidos a partir da fonte tivessem sido mencionados, o pasticheiro reduz a quantidade de enunciados de 7 para 5, sendo os dois eliminados: “Não é exagero adjetivar o plagiário como malicioso, disfarçado, astuto, hábil, dissimulado” e “Por isso, empenha-se em disfarçar o assalto, evitando deixar vestígios”.

No entanto, eles se encontram separados por um enunciado que foi transposto para o texto pastiche, o que nos mostra que o pasticheiro não incluiu simplesmente o texto fonte no seu texto, mas eliminou elementos do texto original que não combinavam com o sentido que ele estava querendo apresentar. Também, não se trata de um erro de citação por não ter transformado a fonte em citação direta, uma vez que a cópia do texto não aconteceu na íntegra, o que certamente pressupõe um trabalho significativo no nível semiótico, novamente eliminando todas as referências necessárias para explicitar a intertextualidade constitutiva presente no discurso do pasticheiro, esta uma marca forte da sua apropriação do gênero textual. Temos que lembrar que esse trecho está inserido num contexto maior onde aparecem outros autores antecedendo e seguindo o sentido exposto nesse trecho. Para mostrar o trabalho complexo de reorganização estrutural do texto não precisamos mais que um enunciado, sendo esse o primeiro a ser apresentado pelo pasticheiro: “Segundo Moraes (2004), o plágio pode ser considerado como a imitação de uma obra, considerada pela lei autoral como um verdadeiro atentado aos direitos morais do autor.” Logo no início foi introduzido o nome do autor e o ano de publicação, o que certamente é de se esperar no começo de uma frase que deveria apresentar uma ideia nova no texto, mas já elaborada por outros autores. Porém, o que posteriormente foi colocado não segue a ideia de uma paráfrase. De tudo restou a palavra estética que traz para o presente a dramaticidade, não só do fato histórico, mas também das existências anônimas que o vivenciaram. Observemos o original: “Podemos dizer que plágio é a imitação fraudulenta de uma obra, protegida pela lei autoral, ocorrendo verdadeiro atentado aos direitos morais do autor: tanto à paternidade quanto à integridade de sua criação.” Não somente o termo fraudulenta foi retirado da frase, como também a última parte que é precedida pelos dois pontos. Além disso, ocorre a inversão da lógica sintático-semântica da frase que coloca a lei autoral como sujeito que define o plágio como um

PUH, M.;

verdadeiro atentado aos direitos morais do autor, enquanto no original o autor define o termo imitação como o lugar onde acontece o verdadeiro atentado aos direitos morais do autor. Portanto, essa alteração no nível que chamamos de semiótico, provocou no nível semântico a mudança de sentido que não foi explicitada pelo pasticheiro como sua, deixando parecer que no próprio original já possuía essa forma. Esse tipo de modificações nos parecem interessantes para serem mais exploradas em outras análises e trabalhos que vão se colocar diante dessa prática de modo a não moralizar a sua existência, mas de entender as produções textuais e discursivas que decorrem dela, apontando para as especificidades de gênero e estilo que esse discurso acadêmico assume na pessoa de pasticheiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Passando agora às considerações finais, como mostramos na análise de três trechos curtos encontrados em um trabalho acadêmico sobre plágio, não é fácil detectar e descrever o pastiche, pois isso pressupõe uma leitura atenta de textos acadêmicos que vai além do processo de identificação dos elementos formais exigidos na escrita de tais textos. Pensamos que os trabalhos que mantêm a aparente ordem e lógica formal de escrita padronizada aproveitam da mesma ordem para subverter a produção acadêmica existente sobre o tema, hibridizando-a de modo não-explícito. Nesse sentido, isso se dá na mistura diferentes textos e autores no nível formal/semiótico, com o intuito de se aproveitar e, ao mesmo tempo, reproduzir o que já foi dito anteriormente, porém sem a necessária explicitação das relações intertextuais necessárias para a constituição de um discurso sobre o tema.

Para disfarçar o caminho presente no nível de conteúdo ou da semântica, na terminologia benvenistiana, o pasticheiro não só reorganiza elementos internos dos enunciados, frases, mas também combina diferentes tipos de enunciados para formar um único ao qual dará seu nome e, ainda em um nível superior, seleciona diferentes frases do original para formar seu próprio texto. Elimina o que não considera importante e transcreve o resto, coloca a citação com o nome e ano, mas não menciona a página de onde foram retirados os trechos que possuem uma semelhança grande com o original. Ou seja, oferece-se ao leitor um pastiche que, se não for estudado com mais rigor, poderá levar a uma produção hibridizada de textos que ficarão protegidos do “farejo” oficial, uma

PUH, M.;

vez que no nível superficial eles dão a aparência de que todas as regras da escrita acadêmica estão sendo respeitadas. Reforçamos essa colocação afirmando que, somente seguindo o que se espera dos gêneros acadêmicos no nível da escrita formal não garante que no nível (inter)discursivo se consiga produzir um novo conhecimento. O nosso objetivo, nesse sentido, foi mostrar que a análise puramente formal no nível textual não pode revelar toda a complexidade de apropriações que ocorrem hoje em dia na universidade, ainda mais porque o foco de muitas pesquisas está na culpabilização de diferentes setores, da vida acadêmica ou na estimulação do uso de programas para o “revelação” dos trabalhos acadêmicos. O estudo de plágio e práticas semelhantes precisa avançar no sentido de estudar a temática no nível superior ao de formalidade ou intenção (embora o estudo dos dois seja importante), procurando entender no nível discursivo, textual e/ou de enunciação como as práticas como a de pastiche podem provocar um efeito *déjà vu* na escrita acadêmica, impedindo, de certo modo, a produção de conhecimento mais significativo.

REFERÊNCIAS:

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?** Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BENVENISTE, Emile. 2006a. Semiologia da língua. In: **Problemas de linguística geral**. Campinas: Pontes, v. 2, p. 43- 67.

BENVENISTE, Emile. 2006b. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de linguística geral**. Campinas: Pontes, v. 2, p. 81-90.

DINIZ, Debora; MUNHOZ, Ana Terra Mejia. **Cópia e pastiche: plágio na comunicação científica**. Argumentum, Vitória (ES), v. 1, n. 3, p. 11-28, jan./jun. 2011.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

KOCH, I. G. V. Introdução à linguística textual. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JAMESON, F. **Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism**. New Left Review, No. 146 (July – August), p. 53-92., 1984.

VALENTE, Décio. **O plágio**. São Paulo: Livraria Farah, 1986.

PUH, M.;

Como citar este artigo (ABNT)

PUH, M. "O PASTICHEIRO": O DESCOBRIMENTO DO NOVO PLAGIADOR. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

PUH, M. (2019). "O PASTICHEIRO": O DESCOBRIMENTO DO NOVO PLAGIADOR. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.



INICIAÇÃO
&
FORMAÇÃO
DOCENTE